

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS

Volume 7 • 1997/1998



CÂMARA MUNICIPAL DE OEIRAS
1997/1998

ESTUDOS ARQUEOLÓGICOS DE OEIRAS
Volume 7 • 1997/1998 ISSN: 0872-6086

COORDENADOR E
RESPONSÁVEL CIENTÍFICO - João Luís Cardoso
PREFÁCIO - Isaltino Morais
MENSAGEM - Conselho Académico da Academia Portuguesa da História
FOTOGRAFIA - Autores assinalados
DESENHO - Bernardo Ferreira, salvo os casos
 devidamente assinalados
PRODUÇÃO - Luís Macedo e Sousa
CORRESPONDÊNCIA - Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho
 de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras
 2780 OEIRAS

Aceita-se permuta
On prie l'échange
Exchange wanted
Tauschverkehr erwünscht

ORIENTAÇÃO GRÁFICA E
REVISÃO DE PROVAS - João Luís Cardoso
MONTAGEM, IMPRESSÃO E ACABAMENTO - Europress, Lda. - Tel. 938 14 50
DEPÓSITO LEGAL N.º 97312/96

Estudos Arqueológicos de Oeiras,
7, Oeiras, Câmara Municipal, 1997/1998, pp. 47-59

LECEIA, PARADIGMA DA PROTECÇÃO DO PATRIMÓNIO ARQUEOLÓGICO, NO CONCELHO DE OEIRAS

João Luís Cardoso⁽¹⁾

1 - O CONTRIBUTO DE LECEIA PARA O CONHECIMENTO DA SOCIEDADE DO TERCEIRO MILÉNIO ANTES DE CRISTO

O povoado pré-histórico de Leceia é conhecido no mundo científico desde 1878, altura em que o General Carlos Ribeiro, pioneiro da Pré-História e da Geologia no nosso país, publicou uma extensa e bem documentada memória, apresentada à Academia Real das Ciências de Lisboa. Porém, não obstante o arqueossítio ser frequentemente citado, desde então, em trabalhos de especialidade, nunca até ao início da nossa intervenção se tinham ali realizado escavações: apenas J. Fontes publicou, na "Revista de Guimarães", em 1955, os resultados sumários de pequenas valas de prospecção que realizou na plataforma de Leceia, em colaboração com o escultor Álvaro de Brée, durante décadas colector de materiais arqueológicos recolhidos à superfície, estudados pelo signatário (CARDOSO, 1980, 1981). Em 1983, a jazida encontrava-se em fase de degradação acelerada; nesse ano, um dos proprietários da área arqueológica abriu, com retro-escavadora, numerosas valas para o plantio de árvores; outro, tinha construído redondel para touradas, exactamente na área que depois se verificou corresponder a uma das partes mais importantes da estação; a jazida corria o risco de desaparecer rapidamente, tanto mais que já se encontrava em fase de apreciação pela Câmara Municipal de Oeiras um projecto geral de urbanização que viria a afectar toda a área arqueológica. Tal facto resultava, em parte, da indefinição da própria área de interesse arqueológico que carecia de protecção; a única planta disponível era a de Carlos Ribeiro a qual, além de ser muito exagerada na delimitação da estação, era presentemente de aplicação legal irrealista, visto incluir toda a actual povoação de Leceia.

Deste modo, impunha-se proceder a escavações, conducentes, primeiro, à determinação da real importância arqueológica da estação e, depois, à sua efectiva delimitação no terreno. Foi, para o efeito,

⁽¹⁾ Da Academia Portuguesa da História. Professor da Universidade Aberta (Lisboa), Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras - Câmara Municipal de Oeiras.

apresentado pelo signatário, em inícios de 1983, um Projecto de Investigação ao então IPPC o qual, uma vez aprovado, veio a permitir, em Agosto daquele ano, o início dos trabalhos de campo.

As campanhas de escavações feitas anualmente desde então – em 1998 realizou-se a 16.^a – vieram confirmar a importância excepcional, do ponto de vista científico e patrimonial, do antigo povoado pré-histórico, situando-o entre um dos mais importantes do Mediterrâneo Ocidental para a compreensão da génese das primeiras sociedades complexas ocidentais. Nele estão representadas diversas fases culturais, desde o Neolítico Final da Estremadura, bem datado em Leceia no último quartel do IV milénio a.C., até ao Calcolítico Final – época de máxima afirmação das cerâmicas campaniformes, cujo limite inferior atinge de 2200 anos a.C. pelo ¹⁴C (datações calibradas). Ao longo dos cerca de 1000 anos de ocupações sucessivas, construiu-se um notável dispositivo, constituído por muralhas e bastiões, integrando três linhas defensivas, e identificam-se três fases culturais distintas, representadas por outras tantas camadas arqueológicas principais, integrando, cada uma delas, vários momentos construtivos.

A primeira fase cultural pertence ao Neolítico Final da Estremadura (Fase I), datado em Leceia, como se disse, no último quartel do IV milénio a.C.. O apogeu do povoado verificou-se logo no início do Calcolítico Inicial da Estremadura, situável pelo referido método, entre *ca* 2800 e 2600 anos a.C. (Fase II). De referir que foi possível, pela primeira vez, isolar cronologicamente tal fase cultural, recorrendo a um número suficiente de datações pelo radiocarbono. Nesta fase cultural integram-se três fases construtivas principais, na primeira das quais se assiste à construção e, depois, ao progressivo reforço do imponente dispositivo defensivo, denotando agravamento da instabilidade social então dominante, na região, ao longo de todo o 3.^o milénio a.C.; paralelamente é, porém, nítida, a crescente degradação da qualidade construtiva, que prenuncia o início do declínio do povoado.

A fase cultural seguinte (Fase III) corresponde ao Calcolítico Pleno da Estremadura; pode situar-se entre *ca* 2600 e 2300 anos a.C., como indicam os resultados das análises de radiocarbono realizadas; tal como a primeira, encontra-se representada por apenas uma fase construtiva, quase limitada a estruturas habitacionais de carácter precário. O abandono definitivo do povoado ter-se-á verificado no final desta fase, *ca* 2300 anos a.C., aquando da plena afirmação das cerâmicas campaniformes no litoral ocidental peninsular, conhecidas desde, pelo menos, o início do Calcolítico pleno, conforme é sugerido pelas datas de radiocarbono recentemente obtidas para diversas estações do território português, incluindo duas estruturas habitacionais de Leceia. As cerâmicas campaniformes, escassamente representadas em Leceia no interior da fortificação, devem relacionar-se com a presença episódica de pequenos grupos humanos pouco sedentarizados, num momento em que as construções defensivas, culminando um prolongado período de declínio, se encontravam em grande parte arruinadas. Já o mesmo não sucederá com duas cabanas campaniformes de planta oval – as únicas no seu género conhecidas em território nacional – identificadas no exterior da fortificação, e onde as cerâmicas campaniformes, no conjunto da olaria decorada, eram exclusivas, não ocorrendo um único fragmento da cerâmica típica de outra tradição cultural. As datas de radiocarbono obtidas sugerem, conseqüentemente, coexistência dos

utilizadores de tais cerâmicas com os derradeiros ocupantes do povoado fortificado, no decurso do Calcolítico Pleno. Tais resultados mostram a existência de dois vectores culturais e sociais, e economicamente distintos, no decurso do Calcolítico estremenho: um, na tradição directa das comunidades sedentárias que, desde o Neolítico Final procuraram sítios com visibilidade e boas condições naturais de defesa para aí se fixarem de modo permanente e crescentemente organizado; outro, correspondente às populações campaniformes, cuja base social assentaria na família reduzida, muito mais móveis e, por tal motivo, menos dependentes das limitações à própria sobrevivência, impostas pelos recursos localmente disponíveis.

2 - UM PROGRAMA DE INVESTIGAÇÃO AMBICIOSO

2.1 - Aspectos institucionais

A realidade de termos um povoado pré-histórico como o de Leceia, vedado, escavado e devidamente preparado para ser visitado pelo público, deve-se, em grande parte, à exemplar colaboração desde cedo estabelecida entre o arqueólogo responsável, a autarquia e o órgão do Estado que tutela a realização deste tipo de trabalhos. Com efeito, a Câmara Municipal de Oeiras empenhou-se ao longo dos anos, de forma crescente neste processo; a criação, com o estatuto de Unidade Orgânica, do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, por iniciativa do Presidente da Câmara Municipal, em 1988, foi motivada e justificada, em grande medida, pelos excelentes resultados obtidos, nos anos antecedentes, nas escavações em Leceia. Desta forma, a redacção e manutenção da estação arqueológica, de inteira iniciativa da Câmara Municipal de Oeiras redundou, em primeiro lugar, em benefício dos próprios munícipes, que passaram a dispôr de um vasto espaço natural protegido, com cerca de cinco hectares, de inenável interesse para actividades escolares, de animação cultural, ou simplesmente de lazer.

Quanto ao IPPC (actual IPPAR – Instituto Português do Património Arquitectónico e Arqueológico) cumpriu, como lhe competia legalmente, papel avaliador do bom nível científico dos trabalhos arqueológicos, concedendo, ao mesmo tempo, o indispensável apoio institucional, através da classificação correspondente à área da estação arqueológica, bem como da zona de protecção envolvente. Deve ainda salientar-se o apoio financeiro dispensado por ambas aquelas entidades à recuperação das estruturas arqueológicas, aspecto a que voltaremos adiante.

2.2 - A salvação

Diversas ameaças pesavam sobre a estação, não obstante o arqueossítio se encontrar (desde 1963) classificado como Imóvel de Interesse Público (Decreto n.º 45327, de 23/10/1963), destacando-se:

- a pressão urbanística exercida sobre a zona envolvente da jazida, em parte resultante da proximidade da povoação actual, com a consequente degradação paisagística, visto tratar-se, em

geral, de habitações de fraca qualidade arquitectónica. Importa referir que, em 1983, se encontrava em apreciação, pela Câmara Municipal de Oeiras, um plano de loteamento que abarcaria, caso fosse aprovado, a totalidade da estação arqueológica;

- a presença de curiosos e de amadores de fim-de-semana que delapidavam, contínua e progressivamente, a estação, através de recolhas de materiais de superfície procedendo ainda a pequenas escavações clandestinas.

Impunha-se a delimitação legal da área de real interesse arqueológico, tarefa que, por solicitação do então IPPC, foi levada a cabo pelo signatário. Com a publicação da Portaria n.º 186/86, de 27 de Agosto, em Diário da República, foi definida uma zona *Non-Aedificandi*, bem como uma zona de Protecção Especial, tendo em vista assegurar a preservação da área de verdadeiro interesse arqueológico e salvaguardar o adequado enquadramento paisagístico da estação.

Garantida a protecção legal, a consequente protecção física da estação foi efectuada por instalação de vedação metálica, concluída em Junho de 1996, correspondente à zona classificada como *Non-Aedificandi*, que substituiu outra, de carácter provisório, igualmente instalada pela Câmara Municipal de Oeiras, em Novembro de 1985.

2.3 – A escavação

Ao longo das dezasseis campanhas de escavações realizadas entre 1983 e 1998, foi posta a descoberto uma área de cerca de 9000 m², dos cerca de 10000 m² que correspondem à área total da estação, e que fazem de Leceia um caso ímpar na Arqueologia portuguesa; trata-se da escavação em extensão mais vasta até ao presente realizada em um povoado calcolítico, superior, em extensão, às escavações dos sítios hostificados homólogos de Vila Nova de São Pedro, efectuadas desde a década de 1930 à de 1950 e do Zambujal, perto de Torres Vedras, na década de 1960 e inícios da seguinte, os dois povoados calcolíticos que, pelas suas dimensões, mais se aproximam a Leceia. Porém, em nenhum deles – e ao contrário de Leceia – se procedeu à sua escavação completa, ao menos das estruturas defensivas, única forma de aceder à interpretação e conhecimento globais da estratégia e organização do espaço em um grande povoado calcolítico, bem como à caracterização da sua evolução, através das respectivas construções, e sucessivas remodelações, restauros e reforços, executados ao longo do tempo, denunciadores das diversas estratégias de defesa e de ocupação do próprio espaço, numa perspectiva diacrónica, ali verificadas.

Os trabalhos de escavação referidos foram de início suportados legalmente por Projecto de Investigação superiormente aprovado pelo então IPPC em 1983. Com a criação do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – unidade orgânica da Câmara Municipal de Oeiras, em 1988, passou o signatário, na qualidade de seu Coordenador a ser solicitado a intervir em um número crescente de sítios, de assinalável diacronia. Impunha-se, deste modo, a elaboração de outro Projecto de Investigação, que pudesse dar

resposta à nova realidade. Este documento, tal como o anterior apresentado pelo signatário ao IPPAR, foi superiormente aprovado por este Instituto em 1995; desta forma, as campanhas de escavação realizadas em Leceia nos anos de 1995, 1996 e 1997 decorreram ao abrigo deste Projecto.

Enfim, com a abertura do Concurso a Projectos de Investigação plurianual pelo Instituto Português de Arqueologia, em 1998, foi apresentado pelo signatário projecto relativo à investigação arqueológica na área do Concelho de Oeiras, respeitante aos anos de 1998 a 2001, no qual se prevê a continuação dos trabalhos de campo e de gabinete nesta estação arqueológica, o qual mereceu aprovação plena por parte daquele Instituto.

2.4 – A recuperação de estruturas

Considerando que um dos objectivos finais deste Projecto de Investigação consistia na recuperação integral da jazida, tendo em vista o seu adequado aproveitamento turístico-cultural, iniciaram-se em 1988 acções de restauro, consolidação e recuperação das estruturas arqueológicas entretanto postas a descoberto. De facto, a partir do momento em que estas atingiram extensão no terreno e expressão significativa, impunha-se a adopção de tais medidas, com diversos objectivos, a saber:

- assegurar a conservação das próprias estruturas: ao promover-se o alteamento dos muros, contribui-se para a protecção da porção original que deles ainda subsiste, e que a escavação pôs a descoberto. Tal interesse é evidente nos trabalhos realizados em Leceia. Com efeito, trata-se de muros com argamassas muito pobres e de pedra não aparelhada, muito sensíveis portanto às acções desagregadoras dos agentes naturais: aos desmoronamentos, somava-se a alteração e fracturação dos blocos, por acções físico-químicas, com a consequente desagregação; os blocos rochosos, que, durante milénios, estiveram enterrados e em ambientes húmidos, podem sofrer impactos muito negativos uma vez bruscamente expostos ao sol e aos agentes meteóricos, como se verificou em Leceia. O património arqueológico é uma riqueza frágil e não renovável. É necessário que os arqueólogos, cada vez mais, se consciencializem deste facto e admitam que o seu trabalho e responsabilidades não se esgotam com a escavação e a respectiva publicação dos resultados;
- tornar as ruínas mais aliciantes e didácticas: parte do êxito obtido nalgumas, infelizmente muito poucas, estações arqueológicas (Conimbriga é exemplo quase único) do território nacional deve-se à simples regra de conservar os espaços arqueológicos nas melhores condições de visita. No caso de Leceia, para além das condições gerais de arranjo e limpeza, afigurava-se imperativo proceder a tais trabalhos de restauro, por forma a tornar mais perceptíveis as estruturas postas a descoberto aos olhos dos leigos, que constituem a quase totalidade dos visitantes, evidenciando-os do “mar de blocos” donde, anteriormente, mal se diferenciavam.

Os trabalhos de restauro e conservação de estruturas, iniciados em 1988, prosseguiram em continuidade até 1993, tendo sido suportados financeiramente pelo IPPC/IPPAR, e, sobretudo, pela

Câmara Municipal de Oeiras. Executados sob orientação científica do signatário, foram realizados por técnicos que, após curso de formação específico no Museu Monográfico de Conimbriga, ingressaram em empresa especializada no restauro e conservação do património arqueológico. Actualmente, a área arqueológica que mais carecia de tais trabalhos de restauro encontra-se completamente recuperada, tendo-se aproveitado, para o efeito, os próprios elementos obtidos nas camadas de derrube e destruição das estruturas arqueológicas, onde jaziam.

2.5 – Musealização da estação

As acções de escavação e de recuperação das estruturas anteriormente descritas, estão a ser complementadas no terreno por outras. Dentre estas, avulta a organização de diversos circuitos de visita, de acordo com os diversos graus de interesse dos visitantes, bem como a sinalização e descrição, através de painéis, das mais importantes estruturas observáveis ao longo daqueles; presentemente, encontra-se já instalado o circuito interno, constituído por passadeira de madeira, permitindo o acesso visual directo a estruturas arqueológicas situadas no interior da área escavada, evitando-se o atravessamento das referidas áreas pelos visitantes, de alta sensibilidade em alguns sítios, com a consequente destruição inadvertida de estruturas. Por isso, parte daquele circuito é aéreo, sobre pilares de madeira permitindo a observação das estruturas nas melhores condições. Importa referir que a concepção destes circuitos, bem como a respectiva instalação estiveram a cargo da Câmara Municipal de Oeiras.

Neste contexto se insere, igualmente, a recuperação de pequeno moinho, datado de 1707, situado em plena zona arqueológica, com o objectivo de expor, temporariamente, as réplicas das peças mais significativas. A cobertura foi adaptada de modo a constituir plataforma para visualização da área escavada. Tratou-se, também, da obra integralmente custeada pela Câmara Municipal de Oeiras, tendo sido inaugurada em Junho de 1989.

Impõe-se, igualmente, o adequado tratamento paisagístico do espaço envolvente. Nesse sentido procedeu-se, com a colaboração da Divisão de Espaços Verdes da CMO, ao plantio de árvores e arbustos no interior da zona *Non-Aedificandi*, privilegiando espécies autóctones, como a oliveira ou adequadas ao ambiente arqueológico, como os ciprestes. Tais acções estender-se-ão, na medida do possível, à zona de protecção especial envolvente. Assim se minorará o impacto negativo decorrente da proximidade da povoação de Leceia, da qualidade arquitectónica e urbanística medíocre.

Assegurada a salvaguarda física da área arqueológica através da respectiva classificação e vedação, impunha-se a aquisição dos respectivos terrenos, começando pelos correspondentes à zona *Non-Aedificanti*, por parte da Câmara Municipal de Oeiras. Trata-se de processo complexo, levado a cabo pelo Gabinete de Contencioso e Apoio Jurídico da CMO, dificultado pelo número elevado de proprietários ou seus descendentes. Presentemente, tais negociações foram dadas por terminadas nalguns casos, mas, o usufruto deste notável espaço arqueológico, por parte da

população em geral, nas suas diferentes vertentes: lúdica, de lazer, turística e cultural só ficará definitivamente assegurado quando as negociações com a totalidade dos proprietários chegarem a bom termo.

No âmbito da musealização da estação, é de referir a organização da exposição monográfica temática, coordenada pelo signatário, a qual foi inaugurada em 17 de Julho de 1997 no Museu Nacional de Arqueologia, onde permaneceu até início de Abril de 1998. Esta exposição foi reinstalada em dependências da antiga Fábrica da Pólvora de Barcarena, propriedade do Município de Oeiras, onde ficará a título permanente. Ficou, desta forma, contemplada a necessária componente expositiva (maquetes, artefactos, fotografias e outras peças gráficas), indispensável à completa compreensão do sítio arqueológico. A proximidade geográfica deste, relativamente ao local onde aquela exposição se encontra – funcionando como se de Museu de Sítio se tratasse – favorecerá a afluência de visitantes. Deste modo, a estação arqueológica, devidamente assinalada em roteiros municipais, passará a estar aberta ao público segundo horário semanal já definido dando sequência às centenas de visitas guiadas que, desde 1988, têm sido promovidas e asseguradas pelo Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, nas quais têm participado milhares de visitantes com especial destaque para a população escolar residente no concelho de Oeiras.

2.6 – O estudo dos materiais e a publicação dos resultados

Também neste domínio, o presente Projecto de Investigação foi inovador e ambicioso. Através da constituição de uma equipa integrando especialistas de diversas áreas científicas tem sido possível a recuperação de toda a informação potencial do espólio arqueológico recuperado. As condições objectivas propícias ao seu estudo transdisciplinar foram criadas, como atrás se disse, em 1988, ao fundar-se o Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras, onde todo o espólio tem vindo a ser inventariado e arquivado, antes de se proceder ao respectivo desenho e estudo. Actualmente, ascende a mais de 400 000 o número de exemplares inventariados entre espólio cerâmico, lítico, metálico e ósseo.

Como corolário das acções de estudo e divulgação referidas, tem vindo a ser dada primordial importância ao plano editorial, tendo em vista a divulgação atempada dos resultados obtidos nas sucessivas campanhas de escavação, não apenas no seio da comunidade científica mas sobretudo, ao nível do público mais geral, crescentemente interessado pela temática arqueológica. Assim, para além de numerosas entrevistas e reportagens, publicadas regularmente em jornais de expansão regional ou nacional, ou difundidas em programas radiofónicos ou televisivos, tem vindo a apresentar-se regularmente em revistas especializadas e em reuniões científicas, informação actualizada, sobre os principais resultados obtidos, através de textos de síntese ou relativos a algumas peças mais notáveis do espólio exumado. A este propósito, merecem destaque duas monografias editadas pela Câmara Municipal de Oeiras em 1989 e em 1994, da autoria do

signatário, bem como o catálogo da exposição inaugurada em Julho de 1997 no Museu Nacional de Arqueologia, da autoria do signatário; a esta obra foi atribuído o Prémio Dr. Possidónio Laranjo Coelho, da Academia Portuguesa da História, em 1998. É ainda neste espírito que se compreende a criação de uma série arqueológica, os “Estudos Arqueológicos de Oeiras”, editada pela Câmara Municipal de Oeiras, e destinada a dar público conhecimento da investigação arqueológica desenvolvida no Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras e onde Leceia ocupa, naturalmente, lugar destacado. Os seis números já publicados, recheados de dezenas de artigos científicos, dão bem conta da intensidade do trabalho desenvolvido, colocando este Centro, bem como a Câmara onde orgânicamente se integra, entre as estruturas que, a nível nacional, mais consequentemente têm promovido e divulgado a actividade arqueológica nacional. Esta série científica tem vindo a ser crescentemente reconhecida, a nível nacional e internacional. Disso é prova as dezenas de revistas especializadas internacionais de carácter arqueológico com que mantém permuta, assim distribuídas por Países (em Dezembro de 1997):

Alemanha – 6

Espanha – 53

França – 7

Inglaterra – 2

Itália – 4

Marrocos – 1

Mónaco – 1

3 – CONCLUSÃO

À excepcional importância científica e patrimonial do povoado pré-histórico fortificado de Leceia, vem somar-se a sua privilegiada situação geográfica, em termos de acessibilidade; a este factor acrescenta-se ainda a existência potencial de um numeroso público interessado, decorrente da proximidade de grandes centros urbanos. Tais factos justificam e impõem uma rápida conclusão da recuperação, com a consequente valorização turístico-cultural integral da estação, a começar pela conclusão do processo de aquisição dos terrenos. Com a concretização das acções descritas, umas já concluídas outras em fase de execução crê-se que Leceia passará a ser local de visita obrigatório e assíduo, constituindo um verdadeiro pólo de atracção regional de um público diversificado. Trata-se, finalmente, de transformar um património inerte, num sítio com vida própria, gerador de interesses e vontades que viabilizem a sua própria manutenção e valorização.

**PRINCIPAL BIBLIOGRAFIA SOBRE LECEIA RESULTANTE
DESTE PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO**

1975

Flauta, chamariz ou negaça de caça, de osso, encontrada no castro de Leceia (Barcarena). **Bol. Cultural da Junta Distrital de Lisboa**, série III, 81: 57-63. De col. com O. da Veiga Ferreira.

1979

O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Nota prévia sobre a colecção de Álvaro de Brée. **Bol. Soc. Geol. Portugal**, 21 (2/3): 265-273.

1980

O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 1.^a parte – **Revista de Guimarães**, 90: 211-304.

1981

O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée. 2.^a parte. **Revista de Guimarães**, 91: 120-233.

1983/84

O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1.^a e 2.^a campanhas de escavação. **Clio/Arqueologia**, Revista da Unidade de Arqueologia do Centro de História da Faculdade de Letras de Lisboa, 1: 41-68 (1983/84). De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.

1985

Povoado pré-histórico de Leceia – 1983. **Informação Arqueológica**. Departamento de Arqueologia do IPPC, 5: 86-87. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.

1986

O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). **Oeiras – Revista Municipal**, 14: 17-18.

Povoado pré-histórico de Leceia – 1984. **Informação Arqueológica**, 6: 55-56. Departamento de Arqueologia do IPPC. De col. com J. Soares e C. Tavares da Silva.

Povoado de Leceia – 3.^a campanha. **Informação Arqueológica**, 7: 52-53, Instituto Português do Património Cultural, Departamento de Arqueologia. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.

1987

Oeiras há 5000 anos. **Monografia de Leceia**. Edição da Câmara Municipal de Oeiras, 24 p. De col. com C. Tavares da Silva e J. Soares.

Povoado de Leceia (Oeiras) – 1986. **Informação Arqueológica**. Departamento de Arqueologia do IPPC, 8: 46-52.

1989

Leceia – resultados das escavações realizadas 1983-1988. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.

1990/1992

Cronologia absoluta para o campaniforme da Estremadura e do Sudoeste de Portugal. **O Arqueólogo Português**, S. IV, 8/10, p. 203-228. De col. com A. M. Monge Soares.

1991

Notas e Comentários à reedição de Ribeiro, C. (1878) – Estudos pré-históricos em Portugal. Notícia da estação humana de Licêa. Academia Real das Ciências de Lisboa, 68 p. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, Câmara Municipal de Oeiras, 1, 184 p.

A reconstrução de grandes estruturas em povoados calcolíticos. O exemplo de Leceia (Oeiras). **Actas das IV Jornadas Arqueológicas** (Lisboa, 1990), Associação dos Arqueólogos Portugueses, p. 139-146.

Restos humanos do povoado pré-histórico de Leceia. Estudos de Antropologia física. **STOMA – Cadernos de Estomatologia, Cirurgia maxilo-facial e Medicina Dentária**, 20: 7-14. De col. com Delberto de Aguiar e A. Santinho Cunha.

O Homem Pré-histórico no concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia Física. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, Câmara Municipal de Oeiras, 2, 85 p. De col. com A. Santinho Cunha e Delberto de Aguiar.

1992

Acerca de um suporte de lareira do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). **Al-Madan**, Centro de Arqueologia de Almada, Série II, 1: 23-26.

1993

Carta Arqueológica do Concelho de Oeiras. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, Câmara Municipal de Oeiras, 4, 126 p. De col. com G. Cardoso.

Estratégias de ocupação do espaço na área do Concelho de Oeiras, do Paleolítico ao Período Romano: um ensaio. **Actas do I Encontro de História Local do Concelho de Oeiras** (Oeiras, 1991), p. 17-24. Câmara Municipal de Oeiras.

1994

Leceia 1983-1993. Escavações do povoado fortificado pré-histórico. **Estudos Arqueológicos de Oeiras** (número especial), 164 p. Câmara Municipal de Oeiras.

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Caracterização de actividades e objectivos. **Al-Madan**, Centro de Arqueologia de Almada, Série II, 3: 117-119.

L' habitat chalcolithique fortifiée de Leceia. **Les dossiers de l'Archéologie**, 198: 10-15.

Viajem ao Passado. In **Retratos de Oeiras**, p. 160-170. Publicações DSA, Oeiras.

Leceia. **Informação Arqueológica**, 9, p. 63-64. Lisboa, Dep. Arqueologia do IPPAR.

Sítio arqueológico de Leceia (Oeiras). In: **Lisboa Subterrânea**, Catálogo da exposição realizada no Museu Nacional de Arqueologia (Lisboa/Capital Europeia da Cultura, 94), p. 172-173. Instituto Português de Museus.

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras – Caracterização de actividades e de objectivos. **Al-Madan**, Centro de Estudos Arqueológicos de Almada, Série II, 3: 59-74.

Sobre a existência de cerâmicas impressas e incisas no Neolítico Final estremenho. Actos das V Jornadas Arqueológicas (Lisboa, 1993). Associação dos Arqueólogos Portugueses, 69-78. De col. com J. Roque Carreira.

1995

O povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Resultados das escavações efectuadas (1983-1993). **Actas do I Congresso de Arqueologia Peninsular** (Porto, 1993), 5: 115-129.

Para o conhecimento da agricultura no concelho de Oeiras: do Neolítico ao Período Romano. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 87-96.

Estudos petrográficos de artefactos de pedra polida do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Análise de proveniências. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 123-151. De col. com A. Barros e Carvalhosa.

Estudo arqueometalúrgico de um lingote de cobre de Leceia (Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 153-164. De col. com F. Braz Fernandes.

L'avifaune de l'habitat chalcolithique de Leceia (Oeiras, Portugal). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 165-186. De col. com L. Gourichon.

Ictiofauna do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 187-192. De col. com M. Telles Antunes.

Ossos de cetáceo utilizados no Calcolítico da Estremadura. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 193-198.

Dentes de tubarões miocénicos em contextos pré-históricos portugueses. Estudo comparado dos materiais de Leceia (Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 199-211. De col. com M. Telles Antunes.

Os ídolos falange do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Estudo comparado. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 213-232.

Possíveis pontas de seta calcolíticas de osso do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 233-241.

Cerâmicas decoradas a pente, do Calcolítico Pleno de Leceia (Oeiras) e da Penha Verde (Sintra). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 243-249.

Símbolos sexuais do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 251-261.

Cronologia absoluta para as ocupações do Neolítico Final e do Calcolítico Inicial do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 263-276. De col. com A. M. Monge Soares.

Arqueologia, Turismo e Poder Local: o exemplo do concelho de Oeiras. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 341-347.

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Relatório das actividades desenvolvidas no decurso de 1993, 1994 e 1995. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 5: 349-372.

1996

Contribution d'une série de datations C14, provenant du site de Leceia (Oeiras, Portugal), à la chronologie absolue du Néolithique et du Chalcolitique de l'Estremadura Portugaise. **Actes du Colloque de Périgueux (1995). Supplément à la Revue d'Archéométrie** (1996): 45-50. De col. com A. M. Monge Soares.

Povoado pré-histórico de Leceia. **Ecoambiente**, 1: 16.

A ocupação neolítica de Leceia (Oeiras). Materiais recolhidos em 1987 e 1988. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 6: 47-89. de col. com J. Soares e C. Tavares da Silva.

Estatuetas zoomórficas de terracota do povoado de Leceia (Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 6: 91-106.

Pesos de pesca do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras): estudo comparado. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 6: 107-119.

Pequenos mamíferos do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 6: 121-133. De col. com M. Telles Antunes e P. Mein.

Ocupação calcolítica do Monte do Castelo (Leceia, Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 6: 287-299. De col. com J. Norton e J. R. Carreira.

Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras. Relatório das actividades desenvolvidas em 1996. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 6: 447-455.

1997

Génese, apogeu e declínio das fortificações calcolíticas da Estremadura. **Zephyrus**, Univ. Salamanca, 50:249-261.

O povoado de Leceia (Oeiras), sentinela do Tejo no terceiro milénio a.C.. Lisboa/Oeiras, Museu Nacional de Arqueologia, Câmara Municipal de Oeiras, 128 p.

1998

A ocupação campaniforme no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 7: 89-153.

Análises químicas não destrutivas do espólio metálico do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Primeiros resultados. De col. com M. F. Guerra. **Estudos Arqueológicos de Oeiras**, 7: 61-88.

Do Paleolítico à Idade do Ferro no concelho e Oeiras: percursos da presença humana. **Actas do 1.º Ciclo de Estudos Oeirenses** (Oeiras, 1996/1997), Câmara Municipal de Oeiras/Ed. Celta, p. 31-71.

“Génese, apogeu e declínio do povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras). Exemplo de desenvolvimento não sustentado na Estremadura do III milénio a.C.”. **Comunicação apresentada em sessão ordinária da Academia Portuguesa da História em 7 de Janeiro de 1998.**

“Bell Beakers in the Lower Tagus-Sado region (Portugal): Economy, demography, social aspects, material culture and the absolute chronology”. **Comunicação apresentada ao Simpósio Internacional “Bell Beakers Today – pottery, people, culture, symbols in Prehistoric Europe”,** Riva del Garda, Trento (Itália), 11-16 de Maio de 1988.